



## UMHA REPÚBLICA ESQUECIDA DENTRO DA GALIZA: O COUTO MISTO (E II)

As vilas que conformavam o Couto Misto, situado arredor do limite administrativo com Portugal, contáron durante os séculos que perviveu esta república com uns privilégios entre os que cabe salientar um auto-governo com experiências de democracia directa.

## CRIAÇOM

Lara Rozados é umha dessas autoras a que adoramos convidar à Revista. Amiga e colaboradora do NOVAS DA GALIZA desde há uns bons anos, ainda tem tempo para fazer parte do Cineclub de Compostela, a Associação Ítica ou Histeria Teatro. Agora vem de ganhar o II Prémio de Poesia Victoriano Taibo - Entidade Local de Morgadáns com o seu *Caderno Amarelo*, e adivinhei quem vam ser os primeiros em gozar dalguns desses poemas.

## A VISIBILIDADE DO CINEMA NA GALIZA

Julio Vilariño reflite sobre a dificuldade da população para aceder a cinema de qualidade. Enquanto os velhos cinemas apodrecem ou se convertem em centros comerciais, fai-se necessário encetar projetos para popularizar esta arte.

## TEMPOS MODERNOS

# Para quando os tempos chegarem

Ernesto Vázquez Souza

Nacionalismo é basicamente estabelecer uns outros e depois levantar um muro. Quanto piores e malvados os outros, mais alto e forte o muro; quanto mais muro, mais densa, sólida e inquestionável a narrativa histórica da Nação.

No nosso caso, acho, não funciona o modelo: entra em contradição com mitos, pragmática, valores, humor, filosofia, histórias familiares, adagiário, cantigas, contos, percepção complexa do mundo e até com a nossa sentimentalidade.

Inútil procurarmos a batalha que perdemos, as pragmáticas que nos submetem, o império que nos colonizou, inútil perseguirmos nas nossas elites orgulhosas, rapineiras e decoradoras de carvalhos com vassalos, os heróis de Walter Scott. Para fazer, bem destacou Castelão, necessitaríamos renunciar à História e conservar apenas a Tradição. Renunciar, como os poetas, à elite e cantar a fusquenha justiceira.

Vão emergindo análises e ferramentas dos debates pós-coloniais, do feminismo, da negritude, das transexualidades, dos espaços aborígenes, que demonstram que

imitar o discurso dos dominadores, só suplanta os dominadores, não elimina a dominação.

Antes de mais, repitam comigo: 'Nós, somos os outros. Nós, somos os maus'. Numa perspectiva protagonista, Castela ou Portugal não são outros: são Nós. Foram províncias do Reino, parte dum projeto territorial atlântico e continental, autoabastecível de matérias-primas e largado ao comércio oceânico, um sistema de portos naturais na Corrente do Golfo e viçosas chairas e vales agrícolas e pecuários, entre as colunas de Hércules.

Portugal independizou-se dos reis da Galiza, e, sem terras de pão, navegou para Sul e Oriente na procura de cereal. O resto continuou integrado até ao presente e aderiu, em nome da Coroa, outros territórios a Leste, que modificaram a perspectiva atlântica, o domínio do Noroeste e a estratégia tradicional pró-portuguesa por um domínio sul-oriental marcado por Aragão, Itália e guerras na Europa. Obrigando a Galiza a ter de fazer continuados esforços para manter o conjunto e o mais longe possível do domínio francês e britânico: inventar-lhe idioma comum, fornecer-lhe reis, leis e exércitos, terminar-lhe das Américas, não afastar definitivamente Portugal.



FELICR - JUAN TIA GUES

Não fomos submetidos por potência estrangeira, apenas xirrigados pelas nossas elites desunidas, pactistas, interesseiras, guerracivilistas e muito mijadeiras sem mirar onde em dias de chuva.

Portugal separado, mas não longe e na mente dos galegos fazendo parte, reformulou-se nacionalmente em várias vagas correspondente à invenção dos Reinos (XV), das Nações (XVIII) e dos Estados (XIX) seguindo o seu direito e circunstâncias.

Castela, máscara de guerra e um dos títulos que por tamanho usaram os reis da Galiza e a sua no-

breza, foi tomada nas duas últimas vagas, como mito e metáfora do projeto nacionalista espanhol. Castela, na Espanha à moderna é mitificação do século XIX paralela à tentativa de provincializar todos os territórios, periferizados desde Madrid no centro da circunferência jacobina, racionalista e imaginária, no basto desenho centralizador-uniformador-nacional do Estado.

Desde início do XVI, intensamente no XIX e XX, os galegos sentiram estupor e raiva quando começaram a ouvir na narrativa da Espanha o seu preterimento. Basta ler a amarga retrans nos

escritos de Gondomar, na fábula do Conde de Lemos, nas cartas de Feijó ou Sarmiento, ver a cólera dos bandos da Junta durante e depois da Francesada, as proclamas de Faraldo, o desiludido sarcasmo de Pintos, Anhon e Rosalia.

Por muito que queiram esquecer e empenharam séculos de propaganda, a Galiza, na Espanha e Portugal só podia ser como o Yamato no Japão, essência, parte fundadora e matriz, motor verdadeiro, a palavra antiga. Espanha é na realidade a Galiza, mais outros territórios, falta de Portugal, como ainda pensam os paisanos e acreditavam os mais dos nossos intelectuais até 1936. Depois transborda até o copo do escudo.

Eis os discursos e reivindicações clássicas que apanhou Murguía, o corpus que resume pela sua geração o *Sempre em Galiza*: se não reconhece a Espanha moderna a dívida histórica, o tesouro, as defesas, as conquistas, os favores, as mulheres e homens protagonistas, Galiza, não debes chamar-te, nunca mais, espanhola.

Quando os tempos chegarem não há muro que levantar, talvez colocar na entrada do Museu do Povo Galego, em letras grandes e vermelhas o retranqueiro adeus na tumba do Fernando Ruiz, irmão de duas das Castro mais simbólicas e feridas na tragicomédia Galega de Castela e Portugal: AQUI JAZ A LEALDADE DE ESPANHA.



# Umha república esquecida dentro da Galiza: O Couto Misto (e II).....

X. Pereira

No val do rio Salas medrou a República do Couto Misto. De origem incerta, cujas diversas hipóteses sobre a mesma fôrom repassadas no artigo anterior, estas vilas situadas arredor do limite administrativo com Portugal contárom com uns privilégios entre os que cabe salientar um auto-governo com experiências de democracia directa.

## Privilégios

No entanto os privilégios do Couto Misto, poderiam fazer-se muitas classificações, escolherei a que fai Luis Garcia Manhá, por razons pragmáticas.

Manhá divide-os em cinco blocos: primeiro, privilégios pessoais, como escolha da nacionalidade, isençom de sangue ou contributo de homens ao exército e direito de asilo; depois privilégios políticos, que viria a ser o próprio autogoverno; em terceiro lugar, os privilégios fiscais, nos quais classifica o direito ao livre comércio e isençom de cargas fiscais a favor de Espanha ou Portugal; privilégios administrativos, nos quais se enquadram o direito a possuir armas e defesa e a nom obrigatoriedade de uso de impressos pessoais; por último, temos os privilégios económico-comerciais, como o direito por o passo do caminho privilegiado, a liberdade de cultivos e o direito a mercar e vender nas feiras galegas e portuguesas.

No entanto os citados privilégios do Couto Misto, significativo é o jeito da escolha da nacionalidade. Os habitantes de Santiago, Rubiás e Meaus podiam escolher a nacionalidade portuguesa ou espanhola, mas quando se decidiam por umha ou outra, assumiam o risco de serem molestados por as autoridades do país escolhido, de jeito que alguns nom se pronunciavam por nenhum, ficando numha situaçom pessoal difícil de definir, que nom pode ser confundida coa de apátrida. De escolherem umha opçom, forçosamente portuguesa ou espanhola, era frequente expressar o desejo nas portas das casas ou no quartos onde morassem. Segundo o investi-



Arca das Três Chaves em que se guardavam os documentos com os privilégios do Couto Misto

gador João Gonçalves da Costa no seu livro *Montealegre e terras de Barroso*, os que queriam ser portugueses ou espanhóis o dia da sua boda “bebiam um copo de vinho” à saúde do rei português ou do monarca espanhol e mandavam gravar um P de Portugal ou um G de Galiza, na casa onde iam viver. Porém, Delfim Modesto Brandóm pontualiza na sua *Historieta del Coto Mixto* que as casas assinaladas com a letra E correspondiam a habitantes espanhóis, entrementes os portugueses cizelavam a sua marca coa letra P. Como se vê, nom se fala do G de Galiza, tal como expressava Gonçalves da Costa, o que nos leva a considerar, dada a seriedade de ambos autores, que coexistiriam ambas gravuras.

Esta prática é recolhida cara aos anos 1842-1843, por parte de Delfim Modesto Brandóm, quem também anexa que nom durou muito, já que os vizinhos de Santiago, Rubiás e Meaus decidiram dissimular as letras para nom serem amolados por as autoridades lusas e espanholas. Onde antes estavam marcadas as letras fôrom aparecendo datas, cruces, as iniciais dos moradores da casa, ou outro tipo de símbolos.

No entanto ao direito de asilo, este viria a ser a proteçom outorgada por o estado aos nom nacionais que se encontram no seu território. No caso do Couto Misto, a proteçom nom era tam-

A eleiçom do Juiz era umha mostra de democracia. Gentes de Rubiás, Santiago e Meaus realizavam sufrágio cada três anos reunindo-se num campo equidistante às três vilas

extensa e efectiva como num estado convencional. De qualquer jeito, este privilégio ficou na memória dos vizinhos do Couto, transmitindo-se por tradiçom o mesmo que o direito de nom alistamento nos exércitos.

Por último, falaremos dum dos privilégios mais significativos na republica esquecida, isto é, o seu autogoverno. Segúm Delfim Modesto Brandóm, na *Historieta del Coto Mixto* o título de máxima autoridade do Couto era o Juiz civil e governativo do Couto Misto. Este privilégio constituía a figura do Juiz como chefe político, governativo, administrativo e judicial do Couto, auxiliado por uns colaboradores (dous por cada aldeia, chamados homens de acordo) e polo vigário de mês, agente executor das medidas tomadas pola citada autoridade. A eleiçom do Juiz constituía umha mostra de democracia e independência. Os vizinhos de Rubiás, Santiago e Meaus reuniam-se a princípios de anos

(cada três) no vale do Salas num campo que vinha a estar equidistante dos três povos. Segundo palavras de Delfim, mediante sufrágio absoluto, e logo de debater em grupos as propostas, chegava-se o feito da eleiçom ou re-eleiçom, assim como a aclamaçom do novo juiz. A eleiçom do Juiz representaria umha mostra de democracia e de independência.

Neste sentido, é importante destacar a existência dumha arca de Três Chaves (assim chamada porque se fechava com três chaves, cada umha guardada por cada um dos três povos e o juiz possuiria umha delas) na qual eram guardados os importantes documentos com os privilégios do lugar. Para abrir a arca deviam reunir-se doze homens, mais os três possuidores das citadas chaves (quinze em total), cinco por povo. Abrir a Arca requeria umha cerimonia solene, símbolo do valor sagrado que, para as suas gentes, significavam os seus privilégios.

## Fim do Couto Misto

Foram muitos os intentos de rematar o estado de privilégios do Couto Misto. A sua existência molestava tanto a Espanha como a Portugal. Nada resume melhor os sentimentos que despertavam os vizinhos dos povos mistos nos dous grandes Estados peninsulares lindeiros, como o comentário no informe do 24 de abril de 1845, da Secretaria de Despacho de Es-

tado em Madrid. A esse respeito pode-se ler textualmente: “é o certo que três miseráveis aldeias que apenas contam com cento e sessenta vizinhos na atualidade constituem um Estado independente dentro de Espanha”. No mesmo documento (folha três) pode-se ler: “É incompreensível a longa subsistência de semelhantes privilégios e degradante para o governo da S. M. a existência de três lugares miseráveis que se regem por leis absolutas ao seu capricho, sem dependência de nenhuma espécie nem sujeiçom a nenhuma autoridade superior”. Ao longo do século XIX, dêrom-se recomendaçoms, em distintos momentos, para o Couto Misto ser ocupado militarmente por Espanha, incorporando-o de facto na sua soberania. O Governo de Espanha nom admitiu esta possibilidade, acudindo aos usos internacionais e às suas leis.

Assim, em 1864, o Tratado de Lisboa, celebrado entre Portugal e Espanha, dita o fim do Couto Misto. As três principais aldeias do Couto Misto, Rubiás dos Mistos, Meaus e Santiago, pertenceram à Galiza. Outras aldeias, mais pequenas, som objeto de negociaçom, mais propriamente aldeias situadas na fronteira, sendo que muitas delas som atravessadas pela linha limítrofe. Terminavam assim sete séculos de autogoverno, democracia direta e independência do Couto Misto.



Retrato de Luz Fandinho na cozinha

# A FOTO

Charo Lopes

"O importante nom é o que tenhem feito de nós, mas o que nós somos quem de fazer do que de nós tenhem feito"

J. P. Sartre



## CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

Luz Rozados vem de ganhar o II Prémio de Poesia Victoriano Taibo - Entidade Local de Morgadães com o seu *Caderno Amarelo*, onde esta galega de norte e sul verteu a sua alma. Neste mês, em exclusiva para o *NOVAS DA GALIZA*, umha escolma d'O *Caderno Amarelo* em adaptação ortográfica da sua autora.



### Birama

O Birama tem mais de 40 anos, mas ele põem-se menos. Veio de Palmarin (Senegal). Nos Invernos vai a França. No Verão fica no Sul, a recolher oliva ou morango. Aqui veio experimentar sorte. Num bar do Franco trabalha 14 horas diárias, os 30 dias do mês. Sem contrato, é claro. Cortando árvores (desta sim, com contrato) fez um corte num braço e passou um mês de baixa, enquanto cicatrizava. Justo o dia que lhe deram o emprego morreu-lhe o pai. Não pôde voltar alá.

### Alerta...

Temos vermes entre as especiarias, avelainhas pretas nos azulejos

da cozinha. Cascudas (a voarem) no teto do salão. Couça no talho de pousar a saca. Piolhos-caranguejos nas toalhas. Cada qual, desde a sua posição, ataca.

### Cela

Sonhar que estávamos no cárcere, nós as duas e muita mais gente conhecida. Tentávamos argalhar um sistema de comunicação. Organizar-nos. Mas cachavam-nos. E riam-se de nós. Eles. Hoje já não há sono.

### Cartas

A Audiência Nacional decidiu que uma carta de amor era uma prova de delito.

Europa Press fez públicos fragmentos dela. Transcritos em castelhano.

### Praxe

À carragem das quartas-feiras sem filmes, a este não dar dormido, a tanto desassossego, tirar-lhe-emos algo de proveito. Aproveitaremos também a insónia para destecermos as aranhas, trousar as palavras das que dormem no fundo do estômago, darmos-lhe uma volta ao cérebro, desenferujarmos a vontade.

### Uttar Pradesh

"Uma noite sonhou com a Índia", mas não era a Índia de cheiros e cores exóticas, que vão ver os turistas.

Eram duas adolescentes enforcadas e antes estupradas em Uttar Pradesh. Eram da casta dos "intocáveis". Era uma mulher lapidada, ou queimada com ácido. Era o aqui, neste tempo.

### Poder

Com a lei na mão podem-te inspecionar a casa, o carro, sequestrar o computador, acostrar a família. Publicar nos jornais a tua face enquanto te detêm, o teu nome e apelidos, o teu endereço. Podem-te levar a Navalcarnero, podem-te ter em regime de comunicação, podem-te ameaçar. E o pior é que podem deixar claro, por riba de todo, que eles podem. Tu nunca podes nada.



## LÍNGUA NACIONAL

# Para além do mar

Isabel Rei Samartim

**N**a Madeira, pérola da Macaronésia, o mar sobe por cima dos telhados das casas, por cima das ruas e praças da nobre e leal cidade do Funchal. Adiante, praias vulcânicas bordando os degolados rochedos. Atrás, a montanha impraticável do Hélder. Na cidade, ruas de calçada portuguesa. E o mar por cima e por baixo de tudo, aberto e atlântico, imenso, selvagem. Num canto qualquer da urbe, um encontro:

- *Atão, como vai essa música?*

Escadas acima, uma senhora com um braguinha na mão:

- *Vai indo, vai indo!*

A floresta borbulha exuberante por toda a parte. Em meia hora, a ilha passa das alturas dos Ancares à serenidade das Arouças. As levadas e os túneis, escavações

na terra para a passagem de águas e pessoas, delineiam o monte assombrado. Na subida aos Balcões, em Ribeiro Frio, depois de comprar um barrete colorido, outra senhora conversa:

- *Mas esse barrete não é de lã de ovelha!*

Ovelhas. Ali é o nevoeiro e ainda há pássaros. Sempre o mar gigantesco a ultrapassar o teto do horizonte. No ventre, as harmonias da Banda d'Além que lembram o nosso Desselado e as fotos antigas de mulheres com bandolins.

- *Há cuoisas que o govverno nem repara nelas.*

Cousas do governo. O senhor motorista, muito amável, mostra pedaços de costa abafada pelo turismo de hotel e saboreia um cigarro enquanto fala tranquilamente antes de ir ao aeroporto:

- *Há dias tiubarão entrou na praia. Puôde ir embora só quan-*



*do maré subiu, que chega àqueles cuatos.*

Aqueles catos nascem das rochas abismadas nas saias do oceano. Há uma Madeira que é como um

tubarão apanhado na praia pela descida da maré. Partir é só com maré alta: Os catos, o clima morno, a poncha à pescador, os bolos do caco e a espetada, os macheti-

nhos com viola de fundo e uma galega arroaz sabe que há língua para além da língua, que há mundo para além do mundo, que há mar para além do mar.

## CINEMA

# A visibilidade do cinema na Galiza

Julio Vilarinho

**H**á uns vinte anos as salas múltiplex irrompêrom com força nas principais cidades e vilas galegas. A esperança de que o maior número de ecrãs possibilitasse a visom de cópias em filmes em versom original, cinema de autor ou obras experimentais descartouse por completo desde um primeiro momento. As políticas mafiosas das empresas de distribuição e filiais de grandes produtoras opujo-se a qualquer diversidade possível para homogeneizar a oferta das salas de cinema e, em simultâneo, aniquilou toda a rede de pequenas salas em vilas e o potente sistema de cinemas rurais que Galiza possuiu até finais dos oitenta.

As multi-salas sofrem hoje uma política de exibição atroz. Completamente imbricadas nos centros comerciais em que fôrom construídas, a maior parte das suas propostas som extensons da mercadotecnia que propiciam as fábricas de cultura. O cinema tornou-se num produto mais, equi-



parável aos que podemos encontrar no resto de lojas destes espaços. A criminal suba de preços, que permite aos exibidores aumentar a quantia apesar da progressiva diminuição de espetadores, torna as grandes salas, outrora lugar de reuniom da população comum, num lugar vetado às classes baixas (tal como aconteceu com os estádios de futebol).

Com o sistema de cópias em celuloide já obsoleto pola irrupçom dos formatos digitais, a disponibilidade de filmes nas salas

do nosso país é total e absoluta, sem depender já do número de cópias que as distribuidoras espanholas tiram de cada filme; porém, a variedade dos filmes projetados é ainda menor. Exceçoms como os Multicines Norte de Vigo, o Fórum Metropolitano da Corunha, ou em breve a sala Numax em Santiago, só tenhem lugar nas maiores cidades da Galiza, deixando à margem a maior parte da população. Por outro lado, instituições como CGAI, em vez de buscar o espalhamento

por todo o território, atuam como sábios na sua torre de marfim, completamente de costas ao resto da sociedade galega.

Este estado da situação impede a chegada do cinema à comunidade cidadá de forma regular, é dizer, além de festivais e mostras. Pouco pode fazer a rede de Cineclubes da Galiza (doze segundo a FECIGA, aos quais podemos acrescentar projetos nascentes como o corunhês Cineclubes Linda Rama) para enfrentar de caras tal panorama. Associa-

çoms sem ánimo de lucro, a maior parte delas nascem do trabalho voluntário dumha série de pessoas no seus tempos livres, e em muitos casos partem duns condicionamentos económicos que os obrigam a trabalhar com importantes taras no que diz respeito à seleçom de filmes ou às condições de projeçom.

Dijo Lenin que "de todas as artes, o cinema é para nós a mais importante", máxima cuja aplicação prática nas cidades do bloco comunista propiciou a criação dumha invejável rede de cinemas comunitários e de bairro. Ainda de propriedade pública na imensa maioria dos casos, estas salas tenhem a capacidade de funcionar como autênticos centros de dinamização social e cultural. No entanto, na Galiza os velhos cinemas apodrecem, derubam-se e som substituídos por estabelecimentos comerciais. A tomada de espaços como a sala Yago devera servir como símbolo do que a sociedade precisa. Urge a expropriaçom e ocupação destes espaços para devolver os filmes aos cinemas e o cinema à sociedade.